

Destinações da filosofia



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES

IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

Gabriel Salvi Philipson

Destinações da filosofia

*As quase-poesias de Vilém Flusser
entre parênt(es)es e esperas*

SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Gardênia Garcia Benossi – CRB-8ª / 8644

P539d Philipson, Gabriel Salvi, 1989-
Destinações da filosofia : as quase-poesias de Vilém Flusser
entre parênt(es)es e esperas / Gabriel Salvi Philipson. --
Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2025.

1. Technê (Filosofia). 2. Literatura - Filosofia. 3. Descolo-
nização. I. Título.

CDD – 160
– 801
– 325.3

ISBN 978-85-268-1822-4

Copyright © by Gabriel Salvi Philipson
Copyright © 2025 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade do autor e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

AGRADECIMENTOS

Apesar do nome que estampa a capa acima, o eu que aparece no texto é atravessado por outros. Em alguns tipos de obra não se tem o costume de mencionar ou nomear alguns desses outros – como nas obras artísticas, em que a dimensão da autoria parece se impor como praticamente inquestionável (afinal, o nome ou a assinatura importa como um critério de segurança material). Já no audiovisual, os nomes de todos os envolvidos – mas com suas respectivas funções muito bem definidas, em uma divisão do trabalho de modelo fordista – seguem por minutos a fio na tela. Os agradecimentos de uma tese, por seu turno, por vezes podem funcionar mais exatamente como uma dimensão da vida e da sociabilidade durante os anos de sua concepção e escrita.

Não se tem o costume, contudo, de agradecer a entidades não humanas, a não ser com algum tom entre troça irônica e (ingenuamente?) sincera, mencionadas por serem o meio pelo qual se deu a possibilidade de escrita e de pesquisa. De todo modo, não seria absurdo demais imaginar alguém agradecendo ao computador, ao programa Word, desatualizado ou pirateado, à faculdade ou à universidade – que proveu, materialmente, arquivos, animais, fungos ou plantas como objeto de estudo –, a empresas, entre outras coisas do gênero às quais se poderia agradecer. É até mesmo obrigatório para alguns dos que recebem financiamento para pesquisa fazer um agradecimento formal neste espaço, sob pena de possivelmente devolver na íntegra o valor obtido até então. Por isso, faço-o agora em relação ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) (2017/27004-7) e ao Deutscher Akademischer Austauschdienst (Daad).

Em tempo, pontuo que, neste meu gesto, não se trata de ingratidão, já que estamos em tempos de desmonte das universidades públicas e das instituições de pesquisa no país; longe disso. Porém, talvez só o valor do dinheiro possa

explicar a formalidade da obrigação autoestabelecida de um agradecimento do outro a si. Ainda, exige-se a declaração de que “as opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da Fapesp”.

Há tempos, este espaço textual tem assumido um caráter de redes de contato e sociabilidade. Aqui, os agradecimentos funcionam como um lugar para a pessoa se mostrar como alguém com boas relações ou, no mínimo, se auto-projetar, o que apenas reforça egoicamente a autoria como instituição. É interessante, contrariando esse uso maior deste espaço, a tese de Renato Prelorentzou,¹ que irrompe dos agradecimentos, como se se mantivesse, ao modo derridiano, às margens de uma cientificidade que desvaloriza e ingenuamente não tematiza a dimensão social que lhe é suporte.

A questão seria, então, como fazer com que este espaço sirva para desinflar e borrar o nome do seu autor, como pensá-lo como o nome próprio de um atravessamento de situações, o nome próprio de um meio ou de uma plataforma em que toma forma uma questão insistente que, pela força de tal insistência, ao longo do tempo, empresta uma marca sutil, mas indelével, como se fosse um vermelho em um corpo amassado após um cochilo vespertino ou de alguns anos. E não só isso, sem que a dissolução do autor na medialidade da voz que o constitui resulte nem em irresponsabilidade diante do que foi escrito nem em um cinismo que finge não saber as funções e as consequências institucionais e profissionais de uma tese. Talvez nesse sentido a autoria de uma tese do ponto de vista ético se mantenha no nível da vontade (que sempre é de potência) – o autor é aquele que decidiu se candidatar a ser marcado por uma questão, pelas situações que se produziriam a partir dessa decisão e que, no final, quereria *possuir* (nunca *ser*, aqui) um título que lhe permitiria a escolha de uma determinada via profissional. Nesse caso, o autor seria quase um dispositivo de propulsão de encontros e reflexões, que poderia se tornar um potente aparato (contra)pedagógico caso pudesse ser usado em uma sala de aula.

Outro perigo seria ainda partir para a exposição, em geral constrangedora pela revelação em si, de situações pessoais ou de especificidades de relações privadas. Em uma seção como a dos *Agradecimentos*, o que é sigiloso fica por si mesmo dito pelo dito e pelo não dito, estando à disposição de exercícios hermenêuticos bem ou mal-intencionados. Mas, por vezes não satisfeitos ou pela vontade de se mostrar quem não se é (mas que se acha que é), o autor acaba se expondo mais do que seria preciso. Este espaço tem um potencial enorme para que isso aconteça, talvez por seu caráter um pouco mais livre e tido em geral como de menor importância em relação ao todo do texto da tese. Os perigos são tantos que, sem contar os agradecimentos que se tornam tese,

em geral três saídas têm sido utilizadas com relativo sucesso: a protocolar, a exaustiva ou a da fuga, que combina o mínimo de protocolar com o máximo de silêncio, uma espécie de “preferência por não” se comprometer com as exigências de familiares e amigos à sociabilidade universitária.

Em uma tese que está particularmente interessada nas linhas de contato e de atravessamento entre as estruturas da sociabilidade e as teorias, partindo da análise de textos aparentemente laterais ou menores dos autores articulados, já se está dizendo demais quando se admite que o texto de agradecimento se mostra como talvez o mais complicado e perigoso de ser redigido. Paradoxalmente, ao agradecer aos outros que o atravessam, coloca-se o momento em que o eu e as suas próprias estruturas sociais se revelam. Em certo sentido, os problemas em torno do agradecimento de uma tese, mais do que o do seu endereçamento, apontam para o núcleo das questões mais consequentes de um trabalho – ou ao menos deste –, de modo que seria, talvez, do ponto de vista formal e ético que, pela busca por uma outra solução possível para os agradecimentos, seja possível encontrar os modos pelos quais seria possível julgar este trabalho internamente, como se diz, por si mesmo, segundo seus próprios critérios.

Seria, então, possível, perguntar-se o seguinte: como professar abertamente os agradecimentos, com o reconhecimento que é devido àqueles que imprimam tal caráter a esse percurso – por um lado estabelecido por leis, hábitos e formalidades, por outro também aberto aos questionamentos mais corrosivos a si mesmo, recheado de descobertas, acontecimentos e aprendizados –, sem trair, ao mesmo tempo, a potencialidade dos acontecimentos, dos encontros, das comunidades precárias – que nesse caso são sempre quase secretas e conspirativas – e a aposta no estranho da instituição na qual o *eu* escolheu seguir sua profissão? Uma profissão, vale dizer, cada vez mais precária e em suspensão?

Como, portanto, passar, enfim, a agradecer o orientador desse percurso, Márcio Seligmann-Silva, desde seu início, em 2018? E como agradecer Susanne Zepp-Zwirner, a partir da estada de estágio sanduíche em Berlim, em 2019? A formalidade de citar seus nomes e sobrenomes pode parecer fria demais perto da complexidade dos nós com que, sinto, (nós) estamos conectados. A escolha por dizer pouco – ou o sacrifício – aqui se dá em nome do que não se faz necessário dizer publicamente – ainda mais porque seria alto o risco de soar piegas, *kitsch* ou ainda mais presunçoso.

Nesse fazer-se grato são, para resumir, parecidos os perigos, os sacrifícios e, principalmente, a questão do modo de agradecer àqueles que se dispuseram a estar presentes nos momentos da qualificação e da defesa desta tese, Rachel Cecília de Oliveira, Adalberto Müller, Erick Felinto e Eduardo Sterzi.

Mais escorregadio se torna o terreno caso se queira agradecer àqueles que imprimiram suas marcas no percurso desta reflexão sem que estivessem formalmente conectados de alguma forma a ele. Quantos professores, funcionários, colegas, amigos, familiares, seres vivos e não vivos, gestos, situações, pensamentos, desejos, contrariedades, sentimentos, momentos solitários, papos, sentimentos não atravessam e atravessaram este percurso sem que constem e possam constar na bibliografia, sem que sejam explicitamente citados? Seria, pergunto, preciso mencioná-los à exaustão ou os honraria e preservaria apenas pela alusão, para que habitem este texto na fronteira entre o dito e o não dito?

Como agradecer à Emanuela, ao Ivo, ao Marcos, ao Maki, aos meus pais, ao meu irmão e à minha cunhada o apoio e o incentivo, bem como aos familiares que acompanharam o processo?

À acolhida e à recepção que tive no Arquivo Flusser, de Berlim, na pessoa de Anita Jóri? À leitura atenta do projeto e às constantes conversas com Rodrigo Maltez Novaes?

Às colegas de pós-graduação da Unicamp, às do grupo de orientação do meu orientador no Brasil, às de minha orientadora e às do Latainamerika-Institut, em Berlim, para quem pude apresentar partes e versões desta tese e receber de volta comentários, sugestões e críticas?

Às colegas de aulas, às professoras com quem fiz disciplinas de pós-graduação, a toda aquela gente que contribuiu com este trabalho em congressos, jornadas e eventos acadêmicos, às pareceristas dos artigos que publiquei nesse caminho, às editoras de revista, às organizadoras de eventos, bem como às colegas com quem colaborei na organização de eventos: como demonstrar o meu reconhecimento?

A sensação que tenho é a de que este espaço está muito aquém das possibilidades de expressar o quanto esta pesquisa está perpassada por essas e tantas outras gentes, entidades, situações – e sinto essa vacuidade das palavras, expressões e do espaço reservado, especialmente ao querer manifestar de que maneira este texto está atravessado pela presença de Cau.

Que no entremeio entre o dito e o não dito, toda essa gente e outro-que-gente e a gente por vir, sobretudo a gente leitora e estudante, possam se sentir partes (des)integrantes desta *tese*.

Nota

¹ Prelorentzou, 2015.

Aonde se dirige, em poeira, o caminho?
(*Wo windet sich der Weg im Staube hin?*)

Vilém Flusser
(“Sehnsucht”)

Aqui, se tentará abanar a cauda em
zigue-zague, dançar na ponta dos pés.

Vilém Flusser
(*Língua e realidade*)

Sumário

Advertência ao leitor	17
Apresentação, por Márcio Seligmann-Silva.....	19
Introdução – Anacruse	25
Sobre o que (não) é esta tese.....	25
Quando começa uma tese?	26
O projeto	26
Questão de princípios.....	28
A tese como projetos.....	29
Pelo fluxo dos desejos.....	30
Rebeldia e filosofia do exílio.....	31
<i>Corpus</i> , corpo, arquivo.....	34
Questões de poética.....	35
Recorte, fluxo e continuidade	36
Dos parentescos elementares.....	38
Dos parentescos nem tão elementares, terremotos e outros modos de comparativismo	39
De volta para o futuro.....	42
1 – Destinações da filosofia	45
1.1 – Dançomacabra	45
Destinação, carta roubada e filosofia.....	45

Sobre a <i>Bestimmung</i> : destinação e determinação.....	48
Fazer dançar a destinação: fazer com, Antropoceno e dançomacabra.....	51
1.2 – <i>Tanz den Untergang mit mir</i> :)	53
Fazer dançar, errando, a destinação (da tese)	53
Flusser no limiar de um novo sistema de notações: do <i>Wanderer</i> ao <i>Einwanderer</i>	56
Destinações e estilos da filosofia do <i>Einwanderer</i> : os parentes, os parênteses e as esperas de Flusser.....	61
2 – Estilos de Flusser	69
2.1 – Fazer parênt(es)es ou esperas: os gestos de Flusser	69
Sonhar do contrário: o projeto científico-criativo de <i>Gestos</i> de Flusser e a possível chance da filosofia entrevista por Deleuze e Guattari	69
Kafka por Deleuze e Guattari: desterritorializações, línguas menores, encontros e esperas	71
Um parêntese parente (a chance da filosofia?): curto-circuito entre Kafka, Deleuze e Guattari, e Flusser.....	75
O pulo do gato ou <i>habemus hypothesis</i> : o sistema de notação pós-1900 sobre (<i>über</i>) o humano.....	76
Os gestos dançantes do professor diante da (<i>gegen-über</i>) câmera e o escrever bem de Nietzsche.....	80
2.2 – Dança de perspectivas e ética cética: os textos curtos de Vilém Flusser.....	81
Gestos escriturais nas filosoficções flusserianas: dança de perspectivas e deslocamentos de pontos de vista	81
Um Pierre Menard de si: mecanismos de perspectivação filosoficcionais	89
Nem fábulas, nem ensaios: as filosoficções como parentes das sátiras menipeias.....	92
Louvor à hesitação: antropocentrismo, antropomorfismo, realismo especulativo e <i>Vampyroteuthis infernalis</i>	95

2.3 – <i>Unheimlicher Einwanderer</i> no sistema de notações 1960 paulistano	98
Sistemas de notações paulistanos:	
a filosofia como profissão e a universidade em questão	98
Flusser e o sistema brasileiro de filosofia	102
Dos modos estranhos e imigrantes de habitar a intersecção filosofia e ficção	104
Um imigrante estranho no ninho	107
3 – Por que sou tão...? Parênteses parentes	117
3.1 – Emplasto sísmico?	117
A entrevista como uma cena do sistema de inscrição paulistano: dinâmicas da sociabilidade acadêmica uspiana	117
O dilema existencial crioulo e o colonialismo interno dos uspianos	120
O cinismo de uma filosofia antifilosófica	124
Limites do conceito de formação e de real	125
A crítica a Heidegger e Derrida como sintoma de um sistema de notação	128
Jogo de cena, sadismo e violência	130
3.2 – Sismografias: ecos do eu	132
Filosofia, literatura, autobiografia e instituição	132
Autobiografia, feminismo, mídia e instituição	135
Elementos autobiográficos e os destinos e heranças da instituição	136
Estratégias autobiográficas e testemunhais e instituição	140
Da autobiografia à sismografia onírica: por outro sistema de notação	143
Otobiografia e instituição universitária	145
3.3 – Cisto sísmico: o terremoto que vem	147
Oswald de Andrade e a filosofia paulistana na década de 1950	147

Oswald e Flusser entre filosofia, jornal e destinação	151
Flusser, filosoficção, escritura e jornalismo	154
4 – Assembleia de espíritos	175
4.1 – De conceitos a índices ou <i>Utupë</i> e as imagens técnicas.....	175
Imagem-conceito.....	175
A filosofia da técnica de Flusser	183
Progresso e programa.....	187
4.2 – Imagens-chave	192
A fuga poética do antropólogo pela fotografia	192
Viveiros de Castro pelos traços de um Araweté.....	193
As imagens de Flusser com óculos na testa	195
4.3 – O local das cidades – a cidade vista como conceito-índice.....	199
As cidades como motivos da filosofia do exílio de Flusser.....	199
Flusser continuador hesitante de Zweig.....	202
Núcleo pivotante das cidades e exílio.....	206
O motivo das cidades como elemento operativo da filosofia do exílio de Flusser	208
As cidades brasileiras: quais são seus futuros possíveis?	210
Exílio e descolonialidade	218
5 – Escrever, (sobre)viver, experimentar, escapar,.....	235
5.1 – Futuros falíveis	235
Das cidades como conceito-índice às filosoficções	235
Experimentos escriturais desprogramatizantes pós-ensaísticos.....	242
Experimentar com a escritura no limiar de um sistema notacional.....	244
<i>Angenommen</i> : um livro-roteiro e a culminação de sua escritura	245
O funcionamento das cenas da vida familiar pela hesitação prolongada da linguagem	251

As operações localizantes nos cenários da vida econômica.....	258
As cenas da política: a guerra e a paz perpétua, a servidão involuntária e a revolução islâmica em Brasília, a democracia parlamentar desabsolutizada, o neofascismo e a antropofagia negra	264
<i>Showdown: Angenommen</i> como exercícios de tecnoimaginação perspectivística.....	280
5.2 – Da fuga do ensaio ao <i>Hipertexto-Flusser</i>	284
A desprogramação do ensaio no limiar da era da tecnoimagem	285
5.3 – Um ensaio multimídia.....	294
Um ponto zero de um sistema de notação	294
Conclusão – Gaia mensagem	321
Por uma filosofia descolonial da técnica	321
Destinerrância, exílio e descolonialidade	321
Cosmotécnicas e descolonialidade	326
Referências bibliográficas.....	333

ADVERTÊNCIA AO LEITOR

Esta versão desse estudo operou algumas adaptações do texto da tese em vista de um público mais amplo: redação uniforme do trabalho, edição de textos excessivamente longos de referencial teórico e metodológico, notas de rodapé e revisão de literatura. Agradeço o auxílio inestimável do amigo e perito Henrique Mogadouro Cunha nessa fase do trabalho. Entretanto, devido ao caráter mais ensaístico do que tecnicista deste texto, considere que o texto como um todo, os capítulos e sua ordenação deveriam se manter essencialmente os mesmos. Não seria possível realizar grandes modificações formais e de conteúdo que não fizessem com que o texto se tornasse outro, inevitavelmente modificando seu sentido. As passagens que já haviam sido publicadas como artigos continuam assinaladas, com notas, quais são. Textos em línguas estrangeiras, sempre que me pareceram relevantes para o estudo literário, foram dispostos em sua tradução, em português, no corpo do texto, e na língua original nas notas. Dei sempre preferência a utilizar as traduções que já existem, embora por vezes tenha achado necessário trazer, mesmo assim, os textos em sua língua original. Mas isso está sempre indicado e segue finalidades específicas e determinadas da reflexão proposta a cada vez. No caso de textos inéditos em português, as traduções são todas minhas.

APRESENTAÇÃO

Gabriel S. Philipson, Flusser e a tarefa antifascista

Márcio Seligmann-Silva

Para mim é uma alegria apresentar este livro de Gabriel Salvi Philipson. Não restam dúvidas de que estamos diante de um livro inovador, criativo e que incide positivamente no seu campo de estudos. Com uma escrita elegante e ensaística, Gabriel realiza aqui análises de textos de Flusser, alguns deles nunca comentados ou analisados – graças ao acesso ao Arquivo Flusser de Berlim com uma bolsa de estudos do Daad e ao financiamento da Fapesp. Para os que frequentam a bibliografia flusseriana, nota-se logo como este estudo é original na abordagem da produção textual de Flusser, associando os textos teóricos e literários do autor em um todo, a partir daquilo que eu havia denominado em 2010, em um ensaio que discutia as posições de dois expatriados (Flusser e Anatol Rosenfeld), de “filosofia do exílio” flusseriana.

O exilado Flusser, o filósofo que nasceu em plena Europa, posteriormente expatriado no Brasil, se coloca a repensar a língua, a escrita e as técnicas, ou seja, modalidades essenciais de nosso estar-no-mundo. Philipson vai mostrar em que medida esse pensamento foi deslocado por esse (des)caminho do exílio. As teorias da técnica e os debates em torno das tecnologias são, assim, por ele, discutidos em diálogo com novas perspectivas teóricas descoloniais. Transitando por entre áreas do conhecimento, com uma metodologia bastante instigante, este ensaio se destaca por sua bem-vinda junção de erudição e seriedade. Uma característica importante de *Destinações da filosofia* é que ela põe em diálogo a filosofia, a literatura e teoria literária europeias, brasileiras e indígenas, passando por teóricos pós-coloniais, como Gayatri C. Spivak, Achille Mbembe, Davi Kopenawa, Oswald de Andrade, Georges Didi-Huberman, Gilbert Simondon, Jacques Derrida e Gilles Deleuze, bem como pela filosofia da chamada Escola de Frankfurt, em especial Walter Benjamin, ao mesmo tempo que – e isso também deve ser enfatizado – trabalha na interface com o feminismo material, seguindo, por exemplo, o pensamento de Katherine Hayles

e de Donna Haraway. Com efeito, a metodologia delineada aqui por Gabriel S. Philipson, tão original quanto interdisciplinar e independente, pode ser aplicada muito além de sua própria disciplina, já que pode fornecer impulsos importantes para a pesquisa em teoria da tecnologia, estudos literários, filosofia, estudos brasilianistas, latino-americanos e judaicos. Em uma época em que o meio acadêmico está cada vez mais preocupado com a localização e especificação do conhecimento, o trabalho de Gabriel S. Philipson volta-se particularmente para o futuro, ao questionar os limites de sua própria disciplina e conectar disciplinas muito diferentes de uma maneira muito convincente. Isso também está diretamente expresso em sua forma, que se destaca por seu aspecto fragmentário, ensaístico e ousado.

Destaco um dos inúmeros pontos tratados por Philipson em seu trabalho, porque diz respeito a tarefas urgentes de nosso presente. Refiro-me à crítica flusseriana do fascismo. Lendo Philipson, não é exagero dizer que de certo modo podemos ler a obra de Flusser como uma robusta resposta a Auschwitz. Seu pensamento político percebia no fascismo um monstro que nos espreita e que tem nos aparelhos seus tentáculos mais evidentes. Nem utopista clássico nem utopista marxista, Flusser, a seu modo, aponta aqui e ali em seus textos e entrevistas o que considera serem destinos possíveis para a humanidade. Esses destinos ele os vê como tendências possíveis. As tendências fundamentalistas, que às vezes denomina de fascistas ou nazistas, ele sempre critica, mas justamente nesses momentos, e em outros, de pura especulação futuroológica, ele exerce sua verve de profeta nos ajudando a *imaginar como nos projetar fora do fascismo*. Ele descreve muitas vezes de modo arrebatado suas visões do futuro pós-histórico e dominado pela revolução informacional que para ele as novas mídias e sobretudo as imagens técnicas significaram. É evidente que toda essa sua especulação profética sobre o futuro estava eivada de suas experiências de vida. Flusser sempre insistia sobre o nazismo como um risco constante e como um antimodelo de funcionamento da sociedade. Ele percebia dormir em certos aspectos da sociedade tecnologizada o risco de um totalitarismo que nos roubaria a liberdade. Por outro lado, ele apostava em uma série de elementos positivos que percebia na nova sociedade com suas imagens sintético-digitais. Ele via aí uma chance de superação das amarras ideológicas que eram, elas mesmas, responsáveis por uma série de violências. A pós-história seria uma consequência não só da revolução telemática e das imagens sintéticas, mas também do esgotamento trágico da razão ocidental em Auschwitz. Mas esse esgotamento não seria algo dado, e sim que deve ser conquistado. Pois esse evento estava (e ainda está) inscrito